

REVOLUÇÃO RUSSA: ANTECEDENTES E RAÍZES HISTÓRICAS

RUSSIAN REVOLUTION: BACKGROUNDS AND HISTORICAL ROOTS

*Matheus Campos Vicente**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar e fundamentar as bases que levaram à eclosão da Revolução Russa de 1917, que alterou todo o cenário das relações internacionais no século XX. Desta forma, ao reconstruir a trajetória do socialismo soviético, nos deparamos com uma série de motivos favoráveis a queda do czarismo na Rússia, dentre os quais se destacam o atraso político, econômico e social. A partir disso, com o crescimento de diversos grupos socialistas de oposição ao governo, que defendiam a luta de classes através de manifestações e greves gerais, e o agravamento das condições internas após a entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial, tem fim o Império Russo.

Palavras-chave: Revolução Russa; Czarismo; Lenin; Karl Marx; Socialismo

Abstract: This article's goal is to highlight and fundament the bases that led to the 1917 Russian Revolution, which altered 20th century's global relations. By reconstructing the trajectory of soviet socialism, we come upon a series of motives favorable to the fall of czarism in Russia, among which are political, economic and social delays. Aside from that, with the spread of several opposition socialist groups which defended class warfare through demonstrations and general strikes and the aggravation of internal struggles after Russia declared involvement in World War I, the Russian Empire fell.

Keywords: Russian Revolution; Tsarism; Lenin; Karl Marx; Socialism.

* Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense; matheus.c.vicente@hotmail.com

Introdução

A Revolução Russa ocorre num período em que o mundo estava passando pela maior crise já vista, a Grande Guerra de 1914-1918, que pela primeira vez na história envolveu todo o planeta e contou com armas de destruição em massa, devastando diversos países. Nesse contexto, a Rússia entra na guerra ao lado da Tríplice Entente buscando defender seus interesses nas regiões do Balcãs, contudo, assolada por diversos problemas internos, é forçada a abandonar a guerra para enfrentar uma guerra civil dentro de seus domínios.

O Império Russo, que se expandia por três continentes e era dominado pelos czares da dinastia Romanov, chega ao fim com a Revolução de Fevereiro de 1917 após uma série de reivindicações e manifestações populares que desejam a queda do império. Os motivos dessas revoltas são variados e estendem-se ao longo de todo o século XIX e do começo do século XX.

A gestão czarista é conhecida por suas longas campanhas expansionistas que geravam guerras e despesas. Com uma base predominantemente agrícola fundamentada no trabalho servil e uma lenta industrialização marcada pelo forte autoritarismo e autocracia, o sistema czarista gerava descontentamentos nas populações. Toda essa conjuntura de atrasos econômicos, políticos e sociais fizeram com que surgissem diversos grupos de oposição ao governo. Com a expansão das ideias socialistas pelo campo e pelas cidades, voltadas a luta de classes, a população em um movimento um tanto quanto inesperado, em 1917, põe fim a séculos de dominações.

Os antecedentes da Revolução Russa

A Rússia até a Revolução de 1917 era governada por um sistema multissecular baseada num império czarista¹. Os czares possuíam poder absoluto, só cabendo a eles a decisão de como gerir o Império porque não existia uma distinção, nessa forma de governo, entre ambos. O czarismo russo é afamado pelo seu expansionismo que ao longo de 300 anos registrou, em média, um avanço diário de 140 km² (REIS FILHO, 1997). Tal avanço se dá pelo papel do exército imperial que conquistou os territórios, os defendeu e manteve a ordem interna no império.

Nesse período, a acumulação de capitais e riquezas acompanhava a conquista militar, assim, com um Estado marcado não só por um governo autoritário, mas também, pelas guerras expansionistas tem-se um excedente financeiro que permitia a manutenção da aristocracia e nobreza russa (FULLER JUNIOR, 2006). Entretanto, é justamente essa característica imperialista de expansão de fronteiras e má administração dos gastos públicos, que gerou atrasos econômicos, sociais e políticos ao longo dos séculos XIX e XX, que não dissipou o impulso de industrialização e reforçou o regime de servidão.

Como disse Daniel Aarão Reis Filho (1997):

1 A palavra czar é grafia tradicional usada pelo português e que aparece em grande maioria nos dicionários da língua portuguesa. Porém, vemos que autores constantemente usam a palavra tzar, pois ela corresponde melhor ao fonema russo original.

A Rússia sempre foi uma nação em movimento – tropas e população –, na direção dos quatro pontos cardeais, projetos desmesurados, à procura de espaços, riquezas, segurança e dos anelados e sonhados portos de águas quentes.

Dessa forma, a nação russa é construída e formada por uma variedade imensa de povos dominados e que, assim, possuem culturas, religiões, tradições e grupos linguísticos diferentes. Essa ausência de laços comuns e tentação de uma política centralista, de rusificação – que tinha o objetivo de homogeneizar segundo padrão único – fez com que na Rússia apresentasse padrões de vida, de trabalho e de educação inferiores aos povos ocidentais e, até mesmo, de alguns povos dominados (REIS FILHO, 1997). Essa nação tinha uma característica basicamente rural, onde às vésperas da Primeira Guerra Mundial a maior parte da população ainda vivia no campo. Conseqüentemente, o camponês se torna figura central em todo o processo da história russa em virtude, principalmente, da condição de miséria e pobreza em que vivia.

O sistema europeu de estados após a “Revolução dual” (HOBBSBAWN, 1988), ou seja, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa começa a sofrer mudanças estruturais, principalmente por conta difusão das ideias liberais que representavam um risco aos regimes monarcas. Nesse contexto, após participar das coalizões anti-hegemônicas, para a derrubada de Napoleão Bonaparte, que puseram fim as Guerras Napoleônicas, o Império russo passa a ser visto como uma grande potência pelas outras nações do Sistema Internacional. Entretanto, com o objetivo de limitar e evitar que tais ideais liberais fossem espalhados pela Europa são criados o Acordo de Viena e a Santa Aliança (STONE, 2006), para, também, reorganizar a Europa num equilíbrio de poder.

Contudo, em razão dos atrasos econômicos e sociais e perda do “pé da febre industrializante ocidental” (REIS FILHO, 1997) a Rússia, rente às potências mundiais que se transformavam do ponto de vista econômico e tecnológico, se vê ultrapassada. Além disso, no âmbito interno, começam a crescer as insatisfações e manifestação contra o império, motivadas pelas ideias liberais da Revolução Francesa, e vão se multiplicando, década após década, o número de revoltas camponesas, cansados da submissão e do regime de servidão, aumentando a pressão em cima do governo por mudanças e por modernização.

Enxergando esses problemas, a partir dos anos de 1840 surge o movimento *A intelligentsia* formada por diversos intelectuais críticos do czarismo que ansiavam por reformas através do uso da palavra como arma de agitação da população até, anos depois, planejarem ataques e assassinatos. É com os *intelligenti* que surgem os primeiros projetos socialistas russos na tentativa de fazer triunfar um socialismo rural baseado na nacionalização e distribuição equitativa da terra com a criação de comunas rurais, queimando etapas e saltando diretamente para o socialismo.

Em meio à ascensão das ideias socialistas com tais grupos, a Rússia para assegurar sua influência no Império Otomano e no Oriente Médio acaba por se envolver na Guerra da Crimeia em 1854-1856. Ao invadir a região da Moldávia, o Império Russo subestima a anarquia do sistema internacional, que temia que com a dominação russa toda a região do

Mar Negro passasse a se submeter à Rússia, com isso, França e Inglaterra intervêm na guerra e derrotam o exercito imperial. Essa derrocada na Crimeia evidenciou a necessidade de uma modernização social, política, militar e econômica na Rússia (KAGARLITSKY, 2008), onde até a primeira metade do século não havia tido nenhum estímulo para mudanças na estrutura socioeconômica do país que permaneceu estagnada desde as Guerras Napoleônicas.

Após essa percepção e através dos movimentos internos – de revoltas camponesas e da ação dos *intelligenti* – o czar se vê obrigado a fazer reformas estruturais e iniciar um programa de modernização inspirado no liberalismo. O primeiro passo em direção a modernização é a abolição da servidão, em 1861, pois os servos representavam 80% de toda a população (CHAPMAN, 2001). Contudo, sofrem com grande oposição de diversos setores, o que impede que esse reformismo imperial de fato aconteça. Além disso, essa emancipação no setor agrícola só serve para gerar ainda mais problemas no campo tirando terras e poder das mãos dos senhores e fazendo com que os servos libertados permaneçam na mesma situação de miséria, enfraquecendo as classes sociais. Deste modo, o país viveu uma rápida transição do feudalismo russo para o capitalismo.

Com novas gerações dos *intelligenti*, a mudança de pensamento do grupo aos poucos vai se alterando. O surgimento dos *narodniks* ou populistas, que defendem o ensinamento de consciência aos camponeses para a luta, a revolta e a revolução, transformam o campo. Apesar de sofrerem perseguições e denúncias dos próprios camponeses no início de suas ações, são fundamentais para a revolução nos anos seguintes. É através de suas ideias que surgem duas vertentes, a de organização baseada na propaganda e uma na ação de vanguarda, que tenta desestabilizar o governo através de atentados tendo, inclusive, assassinado o czar Alexandre II em 1881.

O programa de modernização capitalista russo, promovido pelo Império, altera todas as bases da Rússia. Apesar de toda a resistência enfrentada, o czar investe numa política de crescimento baseada no capitalismo ocidental, estimulando e protegendo a atividade econômica e industrial do país com tarifas alfandegarias altas, concessões e alto investimento do capital estrangeiro. Dessa maneira, por quase 25 anos a Rússia apresentou um crescimento médio de 5% ao ano devido principalmente ao aumento da malha ferroviária que passou de 4.000 quilômetros para 20.000 quilômetros (WALDRON, 2006) em 10 anos e a construção dos setores industriais considerados estratégicos (REIS FILHO, 1997). Assim, o capitalismo russo apresenta características próprias de um Estado hiperdimensionado com a presença maciça do capital estrangeiro. Essas reformas capitalistas provocam mudanças no campo, onde tentaram acabar com as comunas rurais e a solidariedade da classe, o *mir*, para a criação de propriedades privadas e, assim, gerar uma base agrária de sustentação do regime, além de fomentar a formação de um operariado urbano e o crescimento da classe média nas cidades.

Tais mudanças, tanto no campo quanto nas cidades, levam à dependência externa e criam uma crise de abastecimento no país. Essa aproximação com o ocidente fez surgir uma nova vertente do socialismo russo inspirado nas ideias escritas por Karl Marx e Friedrich Engels no “Manifesto Comunista”. Tal vertente, a socialdemocrata, defendia uma revolução de caráter social, procurando estabelecer a priori uma igualdade econômica. Além disso,

entendem que, ao longo dos anos 80 e 90, o fortalecimento das indústrias provocadas pela modernização capitalista, o principal ator agora é outro: o proletário. Segundo Luxemburgo (1916): “No movimento socialdemocrata, diferentemente dos antigos experimentos utópicos do socialismo, a *organização* não é um produto artificial da propaganda, mas um produto histórico da luta de classes, no qual a socialdemocracia simplesmente introduz a consciência política.”

Essa nova vertente faz com que surja uma espécie de guerra entre os socialistas. Enquanto que os marxistas, inspirados no Manifesto Comunista, defendiam que a Rússia deveria passar por uma longa fase de desenvolvimento capitalista onde se teria uma igualdade econômica para depois iniciar a fase socialista; os populistas defendiam uma passagem direta ao socialismo pulando etapas. Após a divisão dos dois grupos em 1883, o partido socialdemocrata passa a ter mais força na Rússia devido à aproximação do Império com o ocidente, o que facilitou o crescimento da influência marxista e pelos movimentos grevistas operários (REIS FILHO, 1997).

Esses dois grupos passam a adotar, evidentemente, diferentes métodos de ação política. Contudo, no ano de 1900, surge um grupo destinado a aproximar novamente os socialistas e, assim, determinar o futuro dos movimentos revolucionários. Liderados por Lênin, com sua obra “Que fazer?”, e I. Martov buscam na criação da rede *Iskra* um espaço para o diálogo. É através dela que ambos fazem congressos e definem que o melhor método para a revolução russa é em duas etapas. Porém, quando o assunto foi a criação do estatuto e a respeito das concepções organizativas surge uma divisão. “A questão da organização é, por conseguinte, particularmente difícil para a socialdemocracia russa, não apenas porque deve fazê-la surgir sem todos os auxílios formais da democracia burguesa, mas, sobretudo, porque deve criá-la, por assim dizer, como o amado Deus Pai, “do nada”, no ar rarefeito, sem a matéria-prima política que, de outra maneira, é preparada pela sociedade burguesa.” (LUXEMBURGO, 1916) É a partir desta divisão que são criados dois grupos fundamentais na Revolução de 1917.

Enquanto que Lenin e seus seguidores, influenciados pelo Manifesto Comunista, defendiam a ideia de um sindicalismo, onde teria o papel essencial da socialdemocracia para elevação da consciência proletária, Martov defendia critérios de organização mais flexíveis, de forma que cada membro só precisaria concordar com os termos e segui-los, sem ter uma obrigatoriedade, além de considerar que as ideias de Lenin levariam a ditadura de um só homem sobre o Partido (FERRO, 1967). Essa divisão de ideias faz com que surjam os Bolcheviques, liderados por Lenin, e os Mencheviques, por Martov.

Em 1905 rebentou uma revolução que foi considerada como o ensaio geral de uma grande sublevação que seria a última (FERRO, 1967). Dessa forma, Reis Filho (1997) diz que:

As ondas da primeira revolução, de 1905, vieram sem aviso prévio, e surpreenderam os homens do poder, que não contavam com ela, os revolucionários, que aspiravam por ela, e os próprios protagonistas, que começaram a fazê-la sem disso ter uma clara consciência.

Essa revolução de 1905 pode ser explicada por um aspecto prático criado pelo próprio Estado czarista. A Rússia, com sua política expansionista, avança sobre o Extremo Oriente dando as cartas na região, porém, subestimando a expansão nipônica na região e com a arrogância russa de superioridade, entram em guerra com o Japão em um território longínquo que não ameaçava diretamente o seu território. Logo, não só o fracasso dos militares russos na Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905, mas as derrotas, mortes e humilhações sofridas nessa guerra reacendem os movimentos revolucionários no país. Enquanto a guerra acontecia, o proletariado russo sofria com frio e escassez de comida.

Dessa forma, a população russa volta a se aglomerar nas ruas e se mobilizar para as greves. No dia 9 de janeiro de 1905, cerca de um milhão de trabalhadores tentaram levar as reivindicações de reforma agrária, tolerância religiosa e melhores condições de vida ao próprio czar, se aglomerando em frente ao Palácio de Inverno. A resposta do exército russo foi o massacre, no episódio que ficou conhecido como o Domingo Sangrento.

A partir disso, a população russa que era vista como uma “massa amorfa, sem consciência de classe” (FERRO e GIRAULT, 1989) “transformou-se subitamente em uma sociedade em movimento, exigente, que se organizava e propunha programas e alternativas” (REIS FILHO, 1997). Segundo Reis Filho:

A revolução de 1905 teve uma repercussão mundial. As greves de massas, o surgimento da forma soviética de organização, o movimento camponês pela terra, a participação das nacionalidades não russas, as revoltas dos marinheiros, a intervenção contraditória dos liberais, a questão da guerra em suas relações com a revolução, todo este processo, como sempre em casos análogos, questionou princípios, abalou certezas, inovou questões, impôs mudanças.

Contudo, em outubro de 1905, é publicado um manifesto vindo do czar que continha, pela primeira vez, os anseios correspondentes às pressões da sociedade. Dentre eles, destacam-se o reconhecimento das liberdades fundamentais, ampliação do corpo eleitoral, e a atribuição do controle sobre a legislação a um Parlamento (Duma) eleito. Desse modo, os movimentos de oposição e greves começaram a adotar um raciocínio moderado, suspendendo o movimento em busca da consolidação das conquistas anunciadas e para, depois, ampliá-las. Desse jeito, as greves passaram a ser reprimidas tanto pelo governo quanto pela população, enquanto que as revoltas camponesas foram perdendo força e a ação dos *intelligenti* desmanteladas (FERRO, 1967).

Tal conjuntura de mudanças e esperanças revolucionárias começa a ser substituída a partir de 1907 por um período de contrarrevolução do governo. Com a Duma perdendo sua força, o aumento da repressão aos questionamentos da ordem coloca os partidos socialistas para clandestinidade, exilando e prendendo os líderes dos movimentos. Tanto os bolcheviques quanto os mencheviques se encontravam numa situação de extrema fragmentação e tal quadro só tem uma mudança, de fato, com o início da Grande Guerra Mundial em 1914.

Conclusão

Segundo Lenin (1914), a entrada da Rússia na guerra foi “o melhor presente que o czar poderia nos dar.” Com a guerra, os interesses do Estado russo se voltam para os conflitos externos, o que gerou espaço para a volta dos movimentos sociais dentro da Rússia contra o governo, que continuava a reprimir seus opositores. O que parecia ser uma vitória rápida e sem grandes consequências começa se tornar uma longa e desastrosa guerra. A economia demonstrava carências estruturais, com crises de abastecimento e um racionamento rigoroso, enquanto o exército estava cada vez mais enfraquecido com derrotas nos campos de batalha. (REIS FILHO, 1997) Em 1916, o país estava à beira de um colapso total fazendo com que os movimentos grevistas ganhassem forças, aumentando as pressões e conspirações favoráveis a queda do czar. Até que no dia 27 de fevereiro de 1917, soldados, operários e camponeses tomam as ruas e invadem o palácio do czar Nicolau II.

Assim, é possível perceber que a busca por aumento e projeção de poder foi a principal motivação para a Rússia iniciar seu processo de modernização e industrialização tardio. (NOGUEIRA, 2013) Entretanto, não foram poucas as dificuldades que o governo czarista enfrentou em seu processo de modernização, transformar um país majoritariamente agrário em uma potencia industrial exigiu uma série de mudanças. Tais mudanças, como a emancipação dos servos, abertura do país ao capital estrangeiro e adoção de medidas liberais, fizeram com que a estrutura social da Rússia se modificasse completamente, com a ascensão da classe proletária e da burguesia.

Esse fenômeno fez com que os grupos socialistas, antes voltados para os grupos e problemas agrícolas, passassem a priorizar a classe proletária e introduzir nela uma consciência política. Dessa forma, a transformação do pensamento socialista e a forma de agir das classes mais baixas eclodiram nas Revoluções de 1905 e 1917, que transformaram por completo a história da Rússia e do Sistema Internacional. Com o final da Revolução de 1917, Lênin assume o poder e retira a Rússia da Primeira Guerra Mundial no ano seguinte, além de instalar o Partido Comunista. Em 1922, Lênin implanta a União das Republicas Socialistas Soviéticas, URSS, que tornou-se, junto com os Estados Unidos, um dos pilares do mundo bipolar a partir de 1945.

Referências Bibliográficas

CHAPMAN, Tim. **Imperial Russia: 1801-1905**. London: Routledge, 2001.

FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRANÇA, João Guilherme. **As Revoluções Russas**. Disponível em: <<https://revolucaocontemporanea.wordpress.com/2013/11/26/as-revolucoes-russas/>>. Acesso em: 16 maio 2017.

FULLER Jr., William. “The Imperial Army”. In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University

Press, 2006.

HOBBSAWM, Eric J.. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/a, 1988.

KAGARLITSKY, Boris. **Empire of the Periphery: Russia and the World System**. Translated by Renfrey Clarke. London: Pluto Press, 2008.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Revolução Russa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

NOGUEIRA, Flavio Schluckebier Pinto Saraiva. **A busca pela modernização: uma análise comparativa entre a Rússia imperial (1861-1914) e a Rússia soviética (1921- 1939)**. 2013. 99 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia Política Internacional, Ufrj, Rio de Janeiro, 2013.

PIMENTA, Rui Costa. **Os antecedentes da Revolução Russa de 1917**. Disponível em: < <http://www.causaoperaria.org.br/textos/?p=36> >. Acesso em: 15 maio 2017.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Uma revolução perdida: A história do socialismo soviético**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

STONE, David R. **A Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya**. Westport, CT: Praeger Security International, 2006.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo, Faísca, 2007.

WALDRON, Peter. "State Finances". In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.